



Gaiato

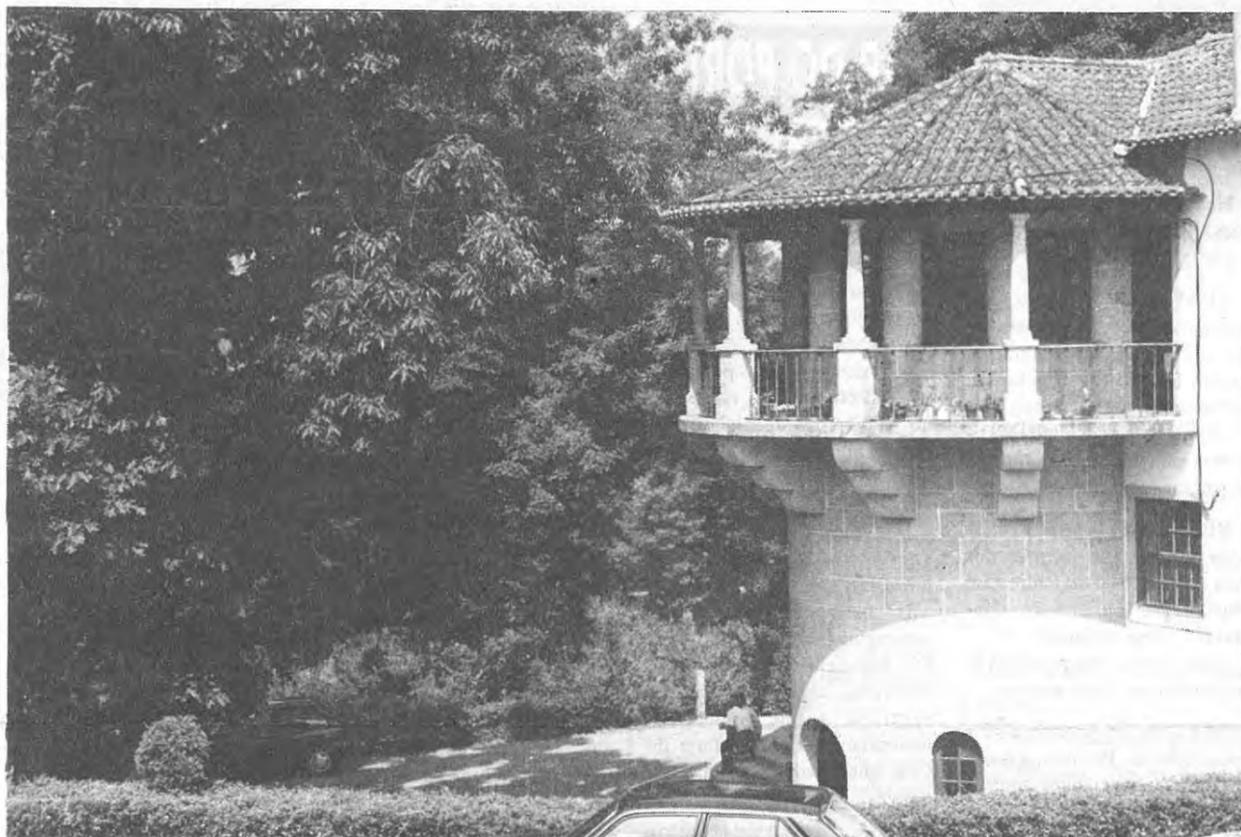


Quinzenário • 20 de Abril de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1229 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Pai Américo tinha o sentido da Beleza. Na varanda de granito, da casa-mãe, quantas horas de reflexão!

POBRES

Quem anda nestes trabalhos dá conta de que não pode seguir apenas o coração, que a inteligência há-de ocupar o seu lugar.

O serviço dos Pobres ocupa a pessoa toda. É, de verdade, um trabalho de educação.

A esmola que não educa é humilhante. O Apóstolo diz que a caridade é inteligente. Não substitui mas promove. Não esconde mas ajuda a descobrir a riqueza que os Pobres levam em si e faz deles um tesouro da humanidade. — Levei tão pouco... e recebi tanto...! — dizia Pai Américo, à hora de fazer as contas, depois duma visita ao Barredo ou a outros sítios.

Desta vez a chamada veio de longe, da beira da serra, primeiro por carta e, depois, pelo telefone. Era uma família pobre onde a miséria assentou arraiais. E, quando assim acontece, o trabalho é mais difícil. É preciso muito coração e não menos cabeça.

Ali, num casebre de pedra sobre pedra, por onde entra o frio no inverno e falta o mínimo de aconchego durante todo o ano, vive a mãe com os filhos, que o marido está fora da terra.

É um lugar de humilhação. A humanidade que está em mim reage e não aceita

aquele suplício porque é indigno da pessoa. O lixo de fora da porta vai até ao interior. A desarrumação é a regra...

Que fazer? A vontade seria para fugir daquela situação é o primeiro passo. A miséria que cafu sobre aquela família é pesada demais,

entretanto. Desde pequena, a mãe viveu assim e, agora, não sabe estar de outro modo. Os filhos, ainda pequenos, acomodam-se. Mais miséria à vista. É certo que a escola vai-lhes abrindo os olhos, a pouco e pouco, para outra maneira de viver.

Continua na página 4

PARTILHANDO

• Aquele menino triste não se apercebeu ainda da doença da mãe. Foi em sua casa muito pobre, sem condições e com carências, que ele sentiu todo o seu carinho. Que lhe interessa a ele o sol das manhãs bonitas, os jogos dos companheiros e a fartura que extravasa?

Tudo tão ténue e quebradiço quando, de repente, se lembra da ternura e dos sorrisos de sua mãe...

Fora dum amor de mãe, todos os aconchegos sociais são meros remendos de cotim.

Para os sem-família ou com ela em frangalhos, um remendo — «vá que vá»... Isto, verdadeiro, se o aconchego à criança for amoroso e desinteressado. Mesmo nas Obras com este princípio, tão fáceis os desvios...

Compreendo tão bem os soluços profundos com que há dias me sacudiste a alma, meu querido!

Fora deste amor, sem cálculo nem medida, todo o resto é paisagem mais ou menos verde, mais ou menos exótica, que nada tem a ver com as lágrimas copiosas deste menino triste.

• Tenho experimentado que a maior parte dos rapazes que foram abandonados ou de famílias separadas, em vez de lágrimas, expressam gestos de revolta.

Quanto esforço, há anos, para que um fosse cumprimentar a mãe... Não queria.

Esta mãe não lhe deu nada e gerou na alma deste rapaz um vazio difícil de preencher.

Aqui o papel dos Padres e das Senhoras da nossa Obra: dar e amar sem medida para que os espaços de revolta sejam espaços duma nova criação. Um nascimento novo!

Sinto-me confuso quando me perguntam: «Que lugar o das senhoras na vossa Obra?»

Tão simples! Ali, seja qual for a posição social.

Ali, naquele espaço vazio.

Padre Telmo

ENCONTROS EM LISBOA

A Páscoa, graças a Deus, trouxe-nos de tudo. A alegria e a cruz. A esperança e o sofrimento. O doce das amêndoas, da amizade, da vida partilhada, da visita discreta. Também o amargo de nem sempre acertarmos com o caminho, das revoltas não resolvidas, do carinho não encontrado e da expectativa frustrada. Eis alguns exemplos dos acontecimentos que vão enchendo as nossas vidas:

• Em vésperas de Domingo de Ramos, o «Nisa» era chefe da copa. Alegando que tinha sido castigado injustamente, decide fazer guerra. Advertido, primeiro, por mim, pareceu serenar, mas, logo que voltei costas, continuou a guerra. Quase todos os que estavam na copa sofreram as consequências. Nem diante do chefe-maioral parou. Claro que o problema não está no castigo. Está dentro dele. A revolta está lá, como um novelo emaranhado, tecido de muitos nós. Só ele, o tempo e a força divina poderão ir pacificando a sua vida. Até lá, com esperança, veremos um «Nisa», aos 16 anos, de olhar desconfiado e triste, rosto comprimido, oferecendo pancada a toda a gente. Quando veremos no seu rosto um sorriso de paz?

• Na segunda e terça-feira da Semana Santa, em dois grupos, os maiores de 15 anos tiveram um dia de reflexão. Quando, à noite, fui jantar com eles, deparei-me com a alegria. Obrigado, Senhor, por me dares a alegria de ver tanta alegria! Um bem haja ao Padre Álvaro, às empregadas, à Dra. Fernanda e ao Seminário de Caparide.

• Os alunos das turmas E, D, I, F, do 8º ano da Escola Secundária Henriques Nogueira de Torres Vedras, fizeram-nos uma visita com muitos mimos. Mais importante foi a disponibilidade para estarem com os nossos rapazes. Passearam pela quinta, conversaram, criaram amizades. Despediram-se com um até breve! E se de todo este grupo de gente nova surgissem mulheres-mães para os nossos rapazes? Seria a semente lançada em boa terra!

• O «Letras» tem duas doenças que se estão a revelar difíceis de curar: não quer trabalhar e há sempre resposta suja na sua boca. Tem capacidades que revela no Ciclo Preparatório, mas não as põe a render. No Sábado Santo, decidiu, depois de ser chamado à atenção, ir dar uma volta. Fugiu. Regressou na segunda-feira de Páscoa. Prometeu que se ia curar. Deus sabe quanto o desejamos.

• O nosso pequeno rebanho deu-nos três cordeiros para fazermos a Ceia de Quinta-feira Santa. O Bruno e o Tiago são os pastores. No Domingo de Páscoa as ovelhas jejuaram e, no dia seguinte, cheias de fome, logo que foram pastar, saltitavam em todas as direcções, à procura de melhor comida. O Bruno não gostou da festa. Apresenta-se, ofegante e a choramingar de desânimo: «As ovelhas andam a gozar-me, não quero mais saber». Foi difícil explicar-lhe, mas, três dias depois, conta-me:

Continua na página 2

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

Os Pobres precisam de ser integrados no ritmo de desenvolvimento geral, para se diminuir assimetrias reinantes, diríamos seculares. É condição-base da doutrina social da Igreja, ora reafirmada por cristãos responsáveis a todos os níveis. Curiosamente, os técnicos da CEE afirmam que «a pobreza não é só falta de dinheiro» — todos sabemos — «mas consiste numa realidade de dimensões múltiplas, cuja forma se altera continuamente». E de que maneira!

O vicentino vive e sente o *do-chão*, diria Pai Américo, os problemas difíceis das classes pobres. E, para além da Fraternidade que lhes devemos — a Caridade é solícita, inventiva — hoje, mais do que nunca, temos que ser apoio oportuno, quanto possível eficaz, de crianças e jovens que necessitam da escolaridade básica e, os mais dotados intelectualmente, do Ensino Secundário.

Lamentamos a extinção do Ensino Técnico, também baseada na não-discriminação social! Apesar das naturais lacunas que já provinham do pós-guerra (1945), foi um erro! Estruturas montadas. Algumas, razoavelmente equipadas. Quadros docentes qualificados. Tantos nos marcaram para toda a vida! Faziam da sua *cátedra* um verdadeiro sacerdócio! Entre parêntesis, é bom lembrar um — talvez o grande motivador da instalação da Faculdade de Economia no Porto. Naquele tempo, poderia abarcar imensos *tachos*. Mas não — pelo seu espírito de serviço. Um Pedagogo! Quantos empresários, quadros médios e superiores, ainda hoje no activo pelo País fora, muito lhe devem do que são na vida sócio-económica do País.

Vem isto a propósito daquela mocita com 17 primaveras, que frequenta o 10.º ano de um ramo de ensino técnico numa Escola Secundária, à qual não temos faltado — pela mão dos Leitores — com aquilo que precisa para ser alguém na vida.

Avizalámos, agora, o pormenorizado requerimento com vista aos subsídios do NASE (Núcleo de Acção Social Escolar). Ainda que não seja muito, há que aproveitar. Conversámos um pouco sobre o aproveitamento do segundo período. Cumpriu a sua missão: «Correu bem, graças a Deus». E estimulámos a jovem: — Os próximos dois anos serão decisivos para o teu futuro. Estás numa idade difícil... Vence a caminhada!

É órfã de pais. Foi acolhida pelos avós, já na recta final. Felizmente, a rapariga conseguiu ultrapassar os traumas! Peçamos a Deus que seja uma Mulher digna.

PARTILHA — «Para o que os Pobres mais precisam, de momento», cheque da assinante

17431, de Guimarães, berço da nacionalidade. Cinco notas, de Mariana e José; idem, de Maria Alice e Celestino — da Foz do Douro. O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Outro cheque, de Fiães (Feira), «para uma das muitas necessidades, o restante é a mensalidade e um pouco mais para amêndoas». Distribuímos o necessário para o foliar dos Pobres.

Assinante 22448, do Porto, cinco contos. O «velho amigo, assinante 7464», da capital, com presença valiosa. Mil, da assinante 24851, também de Lisboa, com a discreção habitual. Santa Cruz do Douro, 2.500\$00. O dobro, da assinante 23311, de Setúbal. Três mil, da assinante 7186, de Albergaria-a-Velha. Cheque do assinante 18967, de algures, e «uma chamada de atenção: não mandar recibo, pois estas contas são para ficar comigo, com Deus e com quem as recebe».

«Avó dos cinco netinhos» manda «cheque correspondente ao mês de Março» e acrescenta: «É pouco, mas com muito amor para uma viúva com filhos». Um «pequeno donativo para a Páscoa de um Pobre protegido pela Conferência do Santíssimo Nome Jesus», da assinante 35019. Mensalidade da assinante 31104 e um pedido: «Rezem por mim. Quem sabe se Deus perante tanta oração por quem não merece, tenha pena de mim». O mundo das almas é assim.

Presença de José Pereira. Quinze notas, da assinante 27063, de Cacém: «Representa o aumento da minha pensão». Dez mil, de Tavira. Metade, da assinante 24669, da capital, para uma doente que viveria, apenas, da mísera pensão de sobrevivência. «Migalhinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», pela mão da assinante 44492, pedindo «uma oração para a Misericórdia de Deus». Sumamente Misericordioso! Um casal, de Chaves, com «pequena importância», mas rica de amizade. Fecha a coluna a assinante 19886, de Águeda, com problemas de saúde, mas com muita

Fé, testemunhada pelo telefone. Retribuímos votos de Santa Páscoa e muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PÁScoa — Durante a Semana Santa, um sacerdote muito simpático conversou connosco para melhor nos ajudar na preparação espiritual da Páscoa da Ressurreição.

Como é tradição, celebrámos as cerimónias que recordam a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

Houve alegria. Muitas amêndoas. E, na casa-mãe, recebemos o tradicional *Compasso*.

VISITAS — Alguns companheiros receberam a visita de familiares, que aproveitaram a quadra festiva. E não faltaram, também, muitos visitantes, pois no domingo e segunda-feira tivemos um lindo sol que torna sempre mais bela a nossa Aldeia.

REGRESSO — Após tantos anos no Brasil, ao serviço dos mais pobres, o nosso Padre José Maria regressou ao nosso convívio, à Obra da Rua.

Com certeza, irá prolongá-la em África que bem precisa.

PISCINA — Aproxima-se a época balnear. Por isso, a nossa piscina beneficiou duma limpeza geral, tarefa do Quim Zé e sua equipa. Nos dias de lazer, e de sol, este local é indispensável à comunidade.

ESCOLA — Na generalidade, o aproveitamento escolar, no segundo período, foi razoável. E, pelo que sabemos, todos os estudantes dedicarão mais cuidado no terceiro período, aliás decisivo para a passagem de ano.

DESPORTO — Estamos imbatíveis. No dia 6 defrontámos uma equipa do Porto. Foi um jogo bem disputado que acabámos por vencer: 8-1.

No dia 7 repetimos a dose, ganhando novamente com uma longa margem de 6-0, à equipa de Bairros.

O nosso treinador, o Lupricínio, tem feito um bom trabalho. Parabéns.

Quem nos quiser defrontar pode contactar o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

«Cebola»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Revelamos alguns «passos» dados no caminho da nossa tarefa de proporcionar uma vida melhor aos mais necessitados de ajuda. Digo «nossa», porque é através da caridade e generosidade demonstradas por todos vós, ao concederem um pouco do que considerais útil e essencial ao conforto dum irmão carenciado, que toda a nossa missão tem razão de existir. Caso contrário, todos os esforços seriam praticamente infrutíferos.

Há melhorias naqueles que socorremos, como a família de D. Manuela que vivia em condições deploráveis com o casal já vosso conhecido; nomeadamente a D. Maria do Céu, que já adquiriu uma casa através da acção da Junta, contando agora com a nossa colaboração no pagamento da respectiva renda. Há dias, falou-nos da nova casinha, convidando-nos, inclusivé, a visitá-la. Ficámos felizes com a atitude e é nestes momentos que nos sentimos gratificados pela nossa missão; dando gosto ouvi-la falar com alegria e entusiasmo do novo lar. À D. Maria do Céu, depois de muitos esforços do nosso Padre Carlos e terem sido ultrapassadas todas as burocracias, irá ser possível dar início à construção da tão ansiada casinha de que tanto necessitava.

Com as festas Pascaís, temos motivo para nos sentirmos contentes pelos progressos verificados. Mas, como devem imaginar, um problema está ultrapassado, mas existem sempre outros que urgem resolução.

A família da D. Antonieta, marido e os dois filhos, vivem actualmente em condições desumanas, ansiando por um pequeno lar; uma nova luz que conduza as suas vidas num caminho melhor.

Campanha tenha o seu Pobre — Assinante 13928, 1000\$00. «É uma gota de água num mar de necessidades (2000\$00)», diz um nosso amigo, de Lisboa. Assinante 10770, 2000\$00. De um anónimo, 10.000\$00. Maria Vilhena, de Queluz, «para o leite das crianças», 10.000\$00.

Um muito obrigado dos nossos Pobres e uma Páscoa feliz.

Casal vicentino

MIRANDA DO CORVO

BATATAS — Esta semana todo o pessoal disponível semeou o resto das batatas, pois tínhamos ainda muito terreno para a sementeira e era preciso fazê-la a tempo. Em contrapartida, no princípio, o tempo não foi nada favorável mas com a força de vontade cada um fez o que pôde.

Agora só nos resta esperar a colheita e que seja boa.

Também semeámos cebolo, feijão e alface, delícia das nossas refeições.

AULAS — Depois do segundo período escolar vem agora o terceiro, decisivo, que para a nossa malta vai dar muito mais trabalho por causa dos maus resultados obtidos no último período. Acabadas as férias da Páscoa é tempo de recuperar e de se esforçarem para alcançar os objectivos. A nossa malta é capaz.

OBRAS — As obras da casa-mãe vão a bom ritmo, algumas divisões já estão feitas, só falta rebocar, pôr electricidade e portas, enquanto que noutras zonas os nossos Padres foram obrigados a mudarem-se devido à remodelação dos seus quartos.

PÁScoa — Momento de paz, alegria e sobretudo de reflexão, pois é o renascer de uma nova vida e de uma nova fé. Com ela celebramos a Ressurreição Daquele que é nosso Deus, nosso Irmão e nosso

Salvador. Salvou-nos do pecado.

Com este espírito cristão vivemos este momento solene em festa.

Carlos Zé

TOJAL

VISITANTES — Últimamente muitos Amigos nos têm visitado. Em 24 de Março recebemos um grupo de rapazes com os quais disputámos uma partida de futebol, que terminou com a nossa vitória por 7-1.

Ecos duma visita: «O gaiato pode considerar-se beneficiado, pois a instituição que lhe dá o nome é um sítio lindo, onde habitam rapazes ligados por fortes laços de amizade e compreensão. A marca da sinceridade é bem visível aos olhos do menos sensível, assim como o espírito de cooperação que reina neles é notória, não só na divisão de tarefas, como nas partidas desportivas. É impressionante a força de vontade destes rapazes. Dá prazer ver a organização, o bom funcionamento e bem-estar da Casa».

FUTEBOL — Em 17 de Março, a nossa equipa deslocou-se a Almada para jogar com os seminaristas (pois no primeiro jogo perdemos 4-7). Agora, vencemos por 7-2.

Os miúdos receberam uma equipa e ganharam por 11-1. Os pequenos não ficam atrás dos grandes!

Luís Fontes

ENCONTROS

EM LISBOA

Continuação da página 1

«Hoje as ovelhas estavam tão fartas que dormiam a sesta e eu também dormi». Ensina-me um truque: «Agora levo um bocado de pão e dou sempre à mais velha. Ela vem-me à mão e as outras vão atrás».

• Uma família com os seus magros recursos, ansiosa de dignidade, lançou-se na construção de uma casa. «Tudo era para ela: Sábados e domingos aí andávamos. Fazíamos contas a ver quantos sacos de cimento podíamos comprar, quantos tijolos, quantas telhas. Depois foi a desgraça. Veio a doença. Ficou assim. É quase como uma coisa para bichos». Nem rebocos, nem loiças, nem janelas, terra no chão... Não queremos ver aquela esperança ali frustrada. Vamos ajudar.

• Na Páscoa, um menino nos foi dado. Queríamos que fosse adoptado. Nem lei, nem mentalidade cultural para isso. Lá vem o Luís Filipe de 14 meses. Traz mais dois irmãos com ele. O seu corpinho é tão pequeno... Os olhinhos ainda vibram... Deus nos ajude a ajudá-lo!

• Toda esta vida foi sendo entrelaçada com a Liturgia. Os Ramos, onde se misturam, numa mesma celebração, o entusiasmo e a paixão. Ceia do Senhor, o sacerdócio, o amor fraterno, o serviço, o amor capaz de dar a vida. A Paixão e Morte, a injustiça, a negação do amor, o sofrimento. Sábado Santo: A Luz, a Palavra, a acção de Deus no meio do Seu povo, a Libertação, a Ressurreição, o Baptismo, a Esperança de uma Vida Nova. Tempo rico de Vida. Páscoa de Cristo, Páscoa dos que procuram segui-LO.

Padre Manuel Cristóvão

RETALHOS DE VIDA

«SPOCK»



Chamo-me Francisco Manuel e também sou conhecido por «Spock».

Estou na Casa do Gaiato há pouco tempo.

Vivia em Setúbal com a minha tia e mais duas irmãs. A minha mãe morreu quando eu era pequeno. Fui viver com o meu pai, que não podia tomar conta de mim porque trabalhava numa fábrica.

Na escola de Setúbal havia muitos divertimentos: patins, matreco e outros jogos.

A minha tia não tinha possibilidades de me educar, falou com uma assistente social que me trouxe para Casa do Gaiato, de Paço de Sousa. Cheguei muito tarde. Já todos os rapazes estavam a dormir. De manhã, quando tocou a sineta, ficaram admirados de me verem ali.

Comecei a trabalhar na lenha.

Gosto muito de estar aqui, mas tenho saudades das minhas irmãs.

Quando for grande quero ser polícia.

Francisco Manuel

SETÚBAL

A caminho de Emaús

• A nossa Páscoa voltou a ser uma delícia. Estou a ver o Pedro prostrado diante de Jesus de novo vivo, no meio dos discípulos, advertido pelo argumento avassalador da evidência: — Não sejas incrédulo, mas crente.

O mundo perdeu o sentido da Ressurreição e da Vida. Da Vida que é participação da Fonte de toda a Vida: — Deus Vivo e Ressuscitado que se manifestou aos Apóstolos sensivelmente, naquele tempo, e continua a repetir quase visivelmente a Sua amorosa e reconfortante Presença no meio dos Pobres.

A figura disfarçada, como a caminho de Emaús, que o ano passado nos ofereceu o almoço

prontinho, veio convidar-me para ir ao seu rebanho escolher quatro dos seus melhores borregos.

Era Sexta-feira Santa e, às duas horas da tarde, lá estava eu para regressar antes das três horas com os magníficos cordeirinhos que encheram os olhos dos rapazes: — Olhe que lindos! Não os mande matar! Eu cá não quero comer!

Ao cair da mesma tarde, um casal. Ele vestido de branco e com o avental alvíssimo do talho, metido num saco de plástico: — Vimos trazer os cordeiros pascais.

Descarregou. Limpou. Cortou. Ficou a carne pronta para temperar. Eu não saía de ao pé do homem vestido de branco. Algo de misterioso me in-

briava no segredo do meu íntimo. Mas eu não queria deixar passar gozo tão forte. Ninguém se apercebeu. Nem ele. Mas eu senti e gozei, naquela tarde triste, a verdadeira alegria da Páscoa. Nada na vida nos dá tanto gosto como ver Jesus; embora disfarçado. Foi assim nas nuvens do Tabor. É assim sempre. O mundo não conhece este gosto, por isso corre cada vez mais velozmente atrás de ilusões! Como é bom estarmos aqui!...

Na manhã daquela Sexta-feira a Maló veio, preocupada perguntar-me como seria o almoço da Páscoa! Maló deixou tudo e veio servir os gaiatos com a Ana.

— O Pai do Céu há-de dizer — respondi-lhe. E disse. Disse a multiplicar como sempre.

Com as amêndoas do mesmo modo.

Com os folares para cada um, idem!...

Estes foram feitos pelos próprios rapazes com o sabor e a alegria que só eles sabem! Eles também apregoam a Ressurreição! Octávio é mestre e os pequeninos padeiros vão aprendendo.

O Senhor que se incumbiu de nos mandar todos os meses 15 sacas de farinha para o pão e tem cumprido encarregou-se de contactar amigos e de os «obrigar» a repartir com os gaiatos: 725 contos! A cena evangélica de Zaquede de novo em evidência!

Mais Ressurreição. Mais Vida. Mais Comunhão!

Muitas outras cenas vos poderia contar. Escrevo estas para que acrediteis e, acreditando, tenhais a Vida. Não posso omitir a carta de alguém que só conheço pelas suas partilhas e epistolarmente!...

«Irmão espiritual padre Acílio, faço este ano 85 anos, de relativa boa saúde, mas é de esperar com alguns órgãos, principalmente os da visão em muito mau estado: do direito já não vejo nem para ler nem para escrever, quer à mão quer à máquina.

Eu, por aqui vou pedalando na, creio, última etapa desta minha missão. Vou nela como posso: é uma corrida de resistência, mas cada um tem a sua meta; sem que saibamos onde está montada a Sua meta; não gostaria de ser colhido de surpresa, de aparecer-me a meta e eu não realizar mais esta minha missão; motivo porque hoje aqui estou escrevendo esta, a enviar-vos uma dádiva do Pai dos Céus e do nosso Messias, Senhor Jesus, de 250.000\$00 (duzentos e cinquenta mil escudos) em um cheque por mim assinado, administrador da conta que ambos têm no meu lar.»



Doentes sem cura, motivo premente da existência do Calvário.

Não sejas incrédulo mas crente!

Festas

• As nossas Festas estão aí com heroicidade — herocidade, percebes — do Octávio, do Sousa e de mais alguns rapazes.

A criação, que é o que custa mais, surgiu finalmente.

Durante todas as férias da Páscoa, de manhã até alta noite, os ensaios sucederam-se ininterruptamente. Tem sido uma maratona! Os cenários, a coreografia, a música, as evoluções, os passes, o ritmo, os tons, as entradas e saídas, as posições e atitu-

des, as roupas e as luzes, tudo é criação nova. Os rapazes andam galvanizados pela Festa. Vai ser mais linda que o ano passado — disse-me o Octávio!

Queremos visitar terras que há muitos anos abandonámos pela frieza do acolhimento, como o Montijo, o Barreiro e Sesimbra. Bem queremos voltar. Precisamos do apoio de todos os assinantes de O GAIATO!

O Jaime, mais pequenino, veio de relâmpago agora ao escritório pedir que vá ver o ensaio! Como ele gosta que eu o veja! Como eles gostam de ver uma casa cheia a vê-los!

Padre Acílio

SETÚBAL — 19 de Abril, às 21 h, Auditório do Centro Pastoral da Anunciada.

QUINTA DO ANJO — 20 de Abril, às 21, 30 h, Sociedade da Quinta do Anjo.

PALMELA — 4 de Maio, às 21, 30 h, Cine-Teatro S. João.

AZEITÃO — 17 de Maio, às 21, 30 h, Sociedade Perpetua Azeitonense.

ALMADA — 18 de Maio, às 21, 30 h, Sociedade Incrível Almadense.

SETÚBAL — 24 de Maio, às 21, 30 h, Fórum Luísa Tody.

COVA DA PIEDADE — 25 de Maio, às 21, 30 h, Salão Paroquial.

CABANAS — 26 de Maio, às 21, 30 h, Sociedade das Cabanas.

DOCTRINA



O Pão da criança pobre vale mais do que a humildade de o pedir

• Estamos na última semana do segundo turno sem incidentes de maior, a não ser os aches de cada momento, para os quais temos enfermeiro alerta e ambulância suficiente. O «Veneno» jurou-me, este ano, porte sério e tem cumprido; nos anteriores tínhamos de o despachar antes do tempo, porque insuportável; este, não. E todos os dias, logo de manhã cedo, faz a pergunta briosamente garota — se «tem havido azar»? Não tem porque a gente o ajuda, com quarto e mesa à parte, afastando-o da malta tanto quanto possível.

• Fui de jornada ao Luso, pedir. Na minúscula capela do Lusitano, entre quatro notas e meia, às pingas, caí um papelucho enroscado que vale em toda a parte quinhentos escudos. Logo se soube da procedência: foi lançado pelas mãos de um dos treze filhos do senhor que acolitou. Meu senhor, aceite a homenagem deste padrezinho que fala aos corações — não pela nota que me deu, mas sim pelo título de grandeza moral de quem, à moda dantes,

vê ainda hoje nos filhos uma bênção de Deus. Nunca faltou pão ao justo nem à sua descendência — verdade eterna! Ai de quem declina o verbo querer, dentro do Matrimónio, em assunto tão delicado!

• Mas a minha jornada não ficou na capela; desci abaixo, ao salão do hotel, conduzido pela benevolência da Dona e Hóspedes. Eram cadeiras em fila, profusão de luz, pérolas e brilhantes — expectativa. Corre um pano de fundo e aparece um senhor a dizer que dêem palmas ao Padre Américo. A vítima vai para o sacrifício pelo seu próprio pé, que todo aquele que no mundo se sujeita a amar, sujeita-se a padecer — as palmas eram palmadas! O senhor Cardoso puxa da minha capa, num alvoroçado «depressa enquanto está quente». Começa o dar alegre, em chuva miudinha impregnada de mistério, por entre olhos húmidos e rastos que são os que melhor vêem as grandes coisas da vida. Há uma data de corações ansiosos de saber. Conta-se: mil quinhentos e cinquenta escudos. Bendito seja o Senhor Deus de Israel! O Marcelo, que tinha ido mais eu, comenta aos companheiros, no regresso, a festa e o peditório: «Eh pá, aquilo é que era leca! Tudo cartolas! Pobres, só eu e o senhor Padre Américo!»

D. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

Pobres

Continuação da página 1

Quem duvida do papel decisivo que a escola pode ter? E se as professoras e professores se deixarem conduzir pela mão dos filhos até aos seus ninhos, que maravilha! O trabalho é mais perfeito. É educador aquele que ama muito. A escola, indo à raiz da família, pode fazer muito na luta contra a miséria, já que, muitas vezes, não é a falta de meios materiais o problema maior, mas a falta de educação. A Caridade é educadora.

Estas situações põem à prova a capacidade dos recoveiros dos Pobres: A sua paciência e perseverança; a sua intuição; o respeito pela pessoa. As comunidades que geraram e continuam a gerar grupos de vicentinos ou de acção sócio-caritativa têm vida. Felizes comunidades que tanta confiança nos dão! Olhamos para elas como os nossos braços, os nossos pés, o nosso coração!

Depois de vários apelos, fui lá ver a situação. Fiquei feliz por encontrar a casa digna, limpa e soalheira. É pequenina mas não lhe falta o necessário. Um problema: um dos

filhos trabalha mas não colabora com um bocadinho do seu suor para que todos os meses a renda fique em dia. E é pena. O mau governo do mais ou menos que se possui causa muitos desequilíbrios. A falta de educação está na origem. Voltamos à escola e à importância da educação na sua vertente social.

Há poucos dias atrás, uma senhora professora escreveu uma carta a contar-me a situação de pobreza e miséria em que vivia uma família da aldeia onde dava aulas. Pus-me a caminho, de tão aflita que a vi nas linhas e entrelinhas da carta. Foram os dois filhos que frequentavam a escola os mensageiros da desgraça que reinava em sua casa. Por eles a senhora professora começou também a sofrer e escreveu-me.

Quando as forças vivas no seio de uma comunidade estão atentas transformam-se em motor de uma vida social equilibrada. Os mais fortes seguram e ajudam os mais fracos. É o equilíbrio social. A escola pode ser um agente de qualidade. Quem dera!

Padre Manuel António

Direitos da Criança

O «Ricki» veio

O Armando, de que falei a quinzena passada, de seu nome próprio Armando Ricardo e de tratamento (certamente pela sua convivência com família de língua inglesa) *Ricki*, veio. Tememos pela sua adaptação. Criança tão marcada pelo sofrimento, tão necessitada, por causa do seu atraso, de uma atenção peculiar, aí está entregue aos outros «Batatinhas» e ao seu chefe, o Luís. Até agora nenhum problema. Nem sequer ao notar que os acompanhantes tinham partido e que a companhia agora era outra. Parece pacificamente integrado. Graças a Deus. É meigo, embora um pouco violento nos seus gestos de ternura; e, se revela atraso, nomeadamente na fala, não deixa de comunicar como pode e sabe, entende tudo — não parece, pois, destituído quanto às suas faculdades.

Foi bem recebido por todos, é acarinhado por grandes e pequenos, tanto que até o Ilídio (o decano dos «Batatinhas») não é capaz de esconder uma pontinha de ciúme, o que também é natural. É destes «terapeutas», num ambiente de Natureza, com árvores, flores, passarinhos, animais, largueza..., que se espera a recuperação do *Ricki* — destes «técnicos» que amam... e mais nada.

De resto, há já uma certa tradição destas «curas». É ver o Paulo que veio há anos por umas férias enquanto fechava o Estabelecimento especializado para surdos-mudos onde estava e já não regressou, porque, entretanto, começou a comunicar com os outros. E agora, apesar da língua ainda um pouco presa e do ouvido a funcionar a uns tantos por cento, entende tudo e faz-se entender por todos; e cresceu, física e psiquicamente, é bom trabalhador e revela, até, qualidades de chefia. Além do ambiente natural e são que o cerca, quem foi o grande agente desta transformação?... O sr. Agostinho, o nosso velho pedreiro, com quem o Paulo passa a maior parte dos seus dias e com quem estabeleceu uma sólida relação de amizade. Quando das suas «neuras», que também as tem, ninguém como o sr. Agostinho para o compreender e ajudar a sair delas. Um técnico do granito, «técnico» também destas matérias altas e delicadas... porque ama!

E à nossa memória aflora o *Ti João Manco*, que Deus levou há muitos anos e foi o «técnico» principal de tantos problemas que ajudou os seus rapazes a resolver — e assim eles foram

restituídos à normalidade de que, afinal, eram capazes. É que o *Ti João Manco* queria-lhes de verdade! E desta verdade nascia o poder transformante!

O *Ricki* veio. E com ele o princípio da sua história que há quinze dias não conhecíamos ainda.

Com ano e meio, alguém denunciou ao Tribunal de Menores a situação de incúria em que o pequeno estava e a primeira medida foi o Hospital de Santo António. Ali permaneceu quatro meses com uma evolução espectacular. Só nos primeiros dez dias, aumentou 4,450 kg de peso e 8 cm de altura.

«Após o internamento hospitalar do Ricardo, foi avaliada a possibilidade do seu retorno à família sendo esta nula. A família não assegura as condições necessárias de alimentação, carinho e saúde, pondo, antes, em risco, o seu desenvolvimento» — diz relatório da Psicóloga do Centro Regional. Foi então (era Agosto de 1987) entregue ao casal inglês que, entretanto, teve de partir e do qual foi transferido em Fevereiro de 1989 para o casal canadiano que agora regressa também ao seu país.

Se as leis que curam dos Menores tivessem força...

O pior é que depois da saída do Ricardo, já nasceram mais dois meninos, o Rui Paulo, agora com três anos, e o Henrique Fábio com um ano. Qual será a situação deles, se a família de origem «se mantém sem condições» como reza o relatório da dita Psicóloga a respeito do Ricardo?

Ontem mesmo, domingo da saída do nosso jornal que falava do *Ricki*, apareceu em Paço de Sousa um casal do Porto, que nos alertou para a urgência de dois irmãos dele serem acolhidos também. Serão estes pequeninos? Ele há mais dois, de 13 e de 7 anos, deficientes mentais, além da Carla, de 9, a tal que assegura em casa «o mínimo serviço doméstico», como já foi dito. Mas nós não podemos recebê-los, tão pequeninos. Será que o Tribunal de Menores e o Centro Regional poderão ignorar a sorte destas duas crianças e deixá-las mais tempo sem a solução sã e estável de que elas carecem urgentemente? Eis um caso que nos parece capaz



O «Ricki»

para a adopção e que seria fácil de resolver por essa forma, se as leis que curam dos Menores tivessem força e curassem mesmo. Mas não. Para o Ricardo, «foi pedida uma Declaração do estado de abandono que se prevê morosa, já que os pais se opõem ao consentimento e não existem testemunhas suficientes» — refere a já citada Psicóloga.

«Não existem testemunhas suficientes...!» Que fraca credencial é passada aos quatro Técnicos Sociais de outros tantos departamentos, que atestam este tenebroso quadro familiar! Não será suficiente o testemunho deles?!...

Padre Carlos

De volta

Há doze anos parti, chegado de Moçambique havia pouco mais de um ano. Era urgente dar a mão em Angola. Os nossos Padres tinham atravessado a borrasca da guerra da independência e precisavam de um pouco de tranquilidade para se refazerem. Fui. Depois, obsequiei-me pelo Brasil. O menor abandonado passa a dezena de milhões. Martirizado, interiormente, parti sem olhar ao caminho. Conheci milhares de crianças. Ajudei a levantar creches que abrigam hoje quase um milhar. Sonhei com a Obra lá e deitei mãos ao trabalho. Dediquei-me aos sem ninguém durante cinco anos.

Desgarrado da Obra da Rua que foi a mãe que me deu o ser Padre. Prestes a começar uma Aldeia, já com uma dúzia de moços difíceis à minha volta, não pude realizar o meu trabalho. O sofrimento abateu-me. Estava sem luz. Demorei a compreender que não era o meu lugar nem o caminho da minha vida. Entretanto, fiquei numa paróquia pobríssima com cinquenta mil

habitantes. Como primeiro pároco, tudo por organizar. Aprendi, doe-me sempre com o apelo das crianças da rua dentro de mim. Tentei não me prender, embora me prendessem. Chegou finalmente a hora de partir com o coração a chorar verdadeiramente, mas a alma em festa por regressar.

Não valho nada; não sou ninguém. Embora calejado o coração e a cabeça embranquecida trago o entusiasmo da primeira hora: «os mais difíceis, os mais repelentes, os mais viciados». Os Padres da Obra da Rua, de quem nunca me separei, recebem-me de braços abertos como se eu merecesse. Os rapazes que me conhecem, abraçam-me. Os outros sorriem para mim. É primavera na Aldeia de Paço de Sousa e no meu coração também.

Sem saber ainda nada do que me espera, sem conhecer caras nem corações, sei que são a minha parte, para que o Senhor me escolheu e espero não me seja tirada.

Padre José Maria

• Os últimos dias de férias foram de muito esforço em nossa Casa. O trabalho chegou bem para todos: a vida normal, mais as obras e sementeiras. No sábado, chegámos à hora da merenda cansados e felizes. Estava tudo arrumado. O dia de sol também nos ajudou, graças a Deus.

Quem não constrói, perde direitos. Preparámos a placa de tecto de parte da casa. O Jonas e outros fizeram um figurão. Os olhos mal se



Filho do «Eusébio»

Tribuna de Coimbra

viam no corpo coberto de pó. Mãos e pés abençoados pelo sacrifício.

Quem não semeia não colhe. O Maria, à frente do grupo da erva, teve de manejar rapidamente as foicinhas. Foram briosos e cumpriram.

O grupo do «Zé da Bica», com o arado e as mãos, plantou muitos centos de alface e muito milhares de cebolo. A chuva da noite seguinte ajudou o seu trabalho.

Os dois tractores nas mãos do Abílio, do Tonito e do Guedes não pararam. Acarretaram o estrume, lavraram e fresaram as terras e abriram os regos para a plantação da batata.

A Mabília, o Manelzito e o Zé Luís não tiveram mãos a medir a preparar a batata nos caixotes para seguir para a terra. Dias e dias de manhã à noite. No fim, já não podiam mais das mãos e dos rins.

Nos três últimos dias foi a plantação da batata. Quarenta sacos dela. Três terras à espera. Cinco grupos de trabalhadores armados de baldes e enxadas. Cinco punham a batata no rego, outros cinco deitavam o adubo à volta e os outros cinco arrasavam a terra.

No fim pedimos a bênção de Deus e fomos merendar e tomar banho.

• Continuamos a acreditar que o trabalho é a grande fonte de riqueza, de regeneração e de bênção. Por vezes também tem o sabor de castigo. Ai se não fosse o trabalho nas Casas do Gaiato!...

Adeus roupas de vestir, adeus vidros nas portas e janelas!... Adeus crescimento dos homens de amanhã!

Como é boa a nossa fruta! Como são bons os ovos das nossas galinhas! Como é bom o leite das nossas vacas! Como é saborosa a carne dos nossos frangos e dos nossos porcos! Como é bom o pão do nosso forno! Como são boas as nossas batatas! Como é gostoso o azeite das nossas oliveiras!

Tudo o que é fruto do nosso trabalho tem um gosto muito especial. Bendito seja o Senhor que pôs tantas coisas boas nas nossas mãos.

Padre Horácio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Conf. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 4239